

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**IVAN CARLOS DE OLIVEIRA SANTANA**

**A LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS NO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO DOS  
ALUNOS**

**Jaguarão - RS**

**2025**

**IVAN CARLOS DE OLIVEIRA SANTANA**

**A LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS NO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO DOS  
ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Aparecida Moser

**Jaguarão - RS**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

D2321 De Oliveira Santana, Ivan Carlos

A leitura de obras infantojuvenis no 6º ano do Ensino Fundamental: desafios e estratégias para o engajamento dos alunos / Ivan Carlos De Oliveira Santana.

24 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS, 2025.

"Orientação: Denise Aparecida Moser".

1. Leitura literária. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Ensino Fundamental. 4. Mediação docente. 5. Engajamento escolar. I. Título.

**IVAN CARLOS DE OLIVEIRA SANTANA**

**A LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS NO 6º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO  
DOS ALUNOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Letras -  
Português, da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para  
obtenção do Título de Licenciado em  
Letras - Português.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 19 de dezembro de 2025.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Denise Aparecida Moser

Orientadora

Unipampa

---

Profa. Dra. Sátira Pereira Machado

Unipampa

---

Profa. Dra. Isabel Ribeiro Marques

Unipampa



Assinado eletronicamente por **DENISE APARECIDA MOSER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2025, às 20:45, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABEL RIBEIRO MARQUES, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 19/12/2025, às 20:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SATIRA PEREIRA MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/12/2025, às 20:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1935176** e o código CRC **055C127C**.

Dedico este trabalho à minha mãe,  
Terezinha Maria de Oliveira Santana, e à  
Orientadora Profa. Dra. Denise Aparecida  
Moser.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao desenvolvimento deste trabalho sou grato: a Deus sempre, aos professores do Curso de Licenciatura em Letras pela UNIPAMPA, a todos os professores, em especial, à Profa. Dra. Denise Aparecida Moser, sempre muito atenciosa, e a todos aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para este trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA INTENCIONAL E PLANEJADA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>22</b>

# **A LEITURA DE OBRAS INFANTOJUVENIS NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ENGAJAMENTO DOS ALUNOS**

**Ivan Carlos de Oliveira Santana<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

A leitura literária é responsável por ocupar um papel na formação intelectual, estética e social dos estudantes, especialmente no Ensino Fundamental II, é justamente nesta etapa em que o contato com obras infantojuvenis costuma despertar o hábito e o prazer pela leitura auxiliando o desenvolvimento crítico. Diante das dificuldades observadas por este estudo nas práticas de leitura escolar, esta pesquisa teve como objetivo analisar os desafios e as possíveis estratégias pedagógicas que podem favorecer o engajamento dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II junto a leitura de obras infantojuvenis. O estudo se desenvolve a partir de uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica caráter exploratório, fundamentada em autores como Cosson (2006; 2020), Colomer (2007), Zilberman (1985), Oliveira (1996), Candido (2004) e Costa (2013), além das orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Os resultados indicam que, embora a leitura literária seja fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes, nesta prática de sala de aula, ainda há entraves significativos nas escolas, como metodologias desmotivadoras e ausência de mediação docente significativa. Constatou-se que o trabalho com a literatura infantojuvenil deve ser intencional, planejado e centrado na formação de leitores críticos, sendo o professor o mediador central desse processo. Conclui-se que o estudo propõe e aponta práticas pedagógicas que podem despertar o prazer de ler, que a adoção de práticas pedagógicas significativas pode promover o diálogo entre texto e realidade, tornando a leitura uma experiência emancipadora e humanizadora.

Palavras-chave: leitura literária; literatura infantojuvenil; ensino fundamental; mediação docente; engajamento escolar.

## **ABSTRACT**

Literary reading is responsible for playing a role in the intellectual, aesthetic, and social formation of students, especially in Ensino Fundamental II (the final four years of Brazilian elementary school, generally ages 11-14). It is precisely at this stage that contact with children's and young adult (YA) literature usually awakens the habit and pleasure of reading, aiding critical development. Given the difficulties observed by this study in school reading practices, this research aimed to analyze the challenges and possible pedagogical strategies that can promote the engagement of 6th-grade students in Ensino Fundamental II with the reading of children's and young adult works. The study develops from a qualitative approach of an exploratory, bibliographic nature, grounded in authors such as Cosson (2006; 2020), Colomer (2007), Zilberman (1985), Oliveira (1996), Candido (2004), and Costa (2013), in addition to the guidelines of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC - National Common Curricular Base) (Brasil, 2018). The results indicate that, although literary reading is fundamental for the

---

<sup>1</sup> Ivan Carlos de Oliveira Santana – Discente do curso de Letras - Português, da Universidade Federal do Pampa, e-mail: ivansantana.aluno@unipampa.edu.br

cognitive and social development of students, in this classroom practice, there are still significant obstacles in schools, such as unmotivating methodologies and the absence of meaningful teaching mediation. It was found that working with children's and young adult literature must be intentional, planned, and centered on the formation of critical readers, with the teacher being the central mediator of this process. The study concludes by proposing and pointing out pedagogical practices that can awaken the pleasure of reading, and that the adoption of meaningful pedagogical practices can promote dialogue between text and reality, making reading an emancipatory and humanizing experience.

Keywords: literary reading; young adult literature; elementary school; teacher mediation; school engagement.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura literária tem um papel muito importante no processo de formação do estudante, seja ele intelectual ou social. Justamente no Ensino Fundamental II, os estudantes adentram o processo de desenvolvimento de competências voltadas à interpretação de textos, assim como o desenvolvimento estético textual. Quando a literatura infantojuvenil é trabalhada de forma intencional e planejada, pode constituir-se como um instrumento potente para o despertar do prazer de ler, formando leitores autônomos e críticos. Autores como Cosson (2006), Colomer (2007) e Zilberman (1985) endossam que a leitura literária, para ser significativa, precisa ser intencionalmente planejada e mediada, realizando com isso o estímulo ao leitor a estabelecer relações entre o texto, suas vivências e a realidade sociocultural em que está inserido.

Mesmo diante da importância do uso da leitura literária infantojuvenil, é possível notar que no cotidiano escolar, especificamente entre as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II, que há uma dificuldade recorrente para que haja uma engajada aplicação prática destas obras junto aos alunos. Essa observação, constata e evidencia que há uma lacuna nas práticas pedagógicas mediadoras, apontando que deve haver estratégias mais criativas, dinâmicas e motivadoras, sendo capazes de demonstrar eficiência para aproximar os alunos dos gêneros literários infantojuvenis e seus múltiplos significados.

Diante nesse contexto, a presente pesquisa intitulada *A leitura de obras infantojuvenis no 6º ano do Ensino Fundamental: desafios e estratégias para o engajamento dos alunos*, tem como problema de pesquisa as seguintes questões: Quais são as possíveis estratégias pedagógicas que favorecem e contribuem para o

engajamento da leitura de obras infantojuvenis para com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental? Quais são os principais desafios enfrentados pelos professores no 6º ano do Ensino Fundamental, na promoção do ensino da leitura de obras infantojuvenis?

A escolha do tema surgiu a partir da observação direta deste acadêmico, junto às turmas dessa faixa escolar, nas quais constatou a necessidade de uma mediação docente mais criativa e significativa, capaz de aproximar e motivar os estudantes à leitura literária e desenvolver a promoção do prazer de ler gêneros literários e compreender seus múltiplos significados. Essa percepção surgiu ao longo da minha trajetória como professor da rede pública, especificamente nas experiências vivenciadas em sala de aula com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II, nas quais foi possível observar um desinteresse pela leitura literária. A partir destas vivências nasceu o interesse em analisar e investigar possíveis práticas pedagógicas que possam ressignificar o papel do professor como mediador da leitura de maneira que possa contribuir para formar leitores autônomos.

A importância deste estudo justifica-se por dialogar com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) que, em suas normas, destaca a relevância da leitura literária na formação integral do estudante. O documento normativo orienta que a literatura seja trabalhada como prática tanto cultural quanto social e que seja vinculada ao desenvolvimento da criticidade, da sensibilidade estética e da capacidade de leitura do mundo. Assim, a ação pelos professores de refletir sobre as metodologias de ensino da leitura infantojuvenil é também um modo de reafirmar o direito à literatura como componente essencial da formação humana.

Além disso, esta pesquisa busca contribuir para o fortalecimento da formação docente, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos que ajudem o professor a transformar a leitura em uma experiência prática que seja prazerosa e significativa. Para isso, o estudo apoia-se em autores como Cosson (2006), Colomer (2007), Zilberman (1985), Oliveira (1996) e Candido (2004), que dialogam e compreendem que a leitura literária seja uma prática formativa e emancipadora. Essas contribuições teóricas orientaram a análise sobre o papel do professor como mediador dessa prática e sobre as possibilidades de adoção de metodologias ativas que estimulem e proporcionem o protagonismo do aluno no processo de leitura.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar os principais desafios e as possíveis estratégias pedagógicas adotadas na prática do ensino de leitura de obras

infantojuvenis, no 6º ano do Ensino Fundamental II, visando contribuir com o engajamento e o comprometimento dos alunos. Como objetivos específicos, propõe-se:

- Identificar os principais desafios mais recorrentes dos professores de Língua Portuguesa na mediação do ensino da leitura de obras infantojuvenis junto aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental;
- identificar possíveis estratégias didáticas que possam incentivar e promover o interesse dos alunos pela leitura de obras infantojuvenis em sala de aula;
- analisar a importância da leitura de obras literárias para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos dessa faixa etária;
- analisar a importância da leitura de obras literárias no Ensino Fundamental, refletindo sobre o papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem em leitura literária; e
- contribuir, a partir da pesquisa bibliográfica, para a reflexão sobre a prática docente na promoção da leitura literária, correlacionando-a com os princípios orientadores da BNCC e com o ensino de literatura no Ensino Fundamental II.

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo foi desenvolvido com uma pesquisa de natureza qualitativa, de enfoque bibliográfico e caráter exploratório. A abordagem qualitativa se justifica pela natureza interpretativa da investigação, com intenção de compreender o fenômeno estudado, analisando junto às obras supracitadas, os significados atribuídos às práticas e contextos educativos da leitura infantojuvenil. O caráter exploratório deste estudo permite levantar informações e promover reflexões sobre as práticas educativas de leitura, o engajamento dos estudantes, possibilitando subsídios para uma melhoria da prática pedagógica docente.

Todavia, ao abordar o ensino da leitura de obras infantojuvenis, existe um fato que deve se reconhecer: que os professores enfrentam múltiplos desafios nesse processo de ensino e aprendizagem. Entre esses desafios, destacam-se: a falta de tempo destinado à leitura literária nas rotinas escolares; a ausência de boa formação continuada voltada para o trabalho com literatura; o pouco acesso junto às bibliotecas das escolas a acervos diversificados; além da dificuldade em despertar o interesse dos alunos em um contexto cada vez mais dominado pelas tecnologias digitais. Todos esses obstáculos influenciam e interferem na efetividade das práticas de mediação e

evidenciam a necessidade de se repensar o papel do professor como agente fundamental na promoção do hábito da leitura e no seu prazer de ler.

Dessa maneira, o presente estudo vem oferecer uma reflexão crítica sobre o ensino da leitura literária no 6º ano do Ensino Fundamental II, destacando a literatura infantojuvenil como um caminho de possibilidades para o desenvolvimento cognitivo, estético e social dos estudantes. Ao compreender a leitura como um espaço de diálogo, inevitavelmente a imaginação é descoberta reconhecendo seu potencial transformador e emancipador.

Assim, espera-se que este estudo contribua para a consolidação de práticas pedagógicas em sala de aula, que formem leitores mais criativos, sensíveis e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária. Portanto, é um convite a uma reflexão sobre possíveis caminhos que possam ampliar o interesse dos alunos pela leitura literária e, ao mesmo tempo, que valorize a mediação docente e as suas práticas pedagógicas inovadoras nesse processo.

A sua organização está distribuída em cinco seções. A primeira seção apresenta a introdução. A segunda seção traz uma discussão acerca da leitura literária em sala de aula no Ensino Fundamental II, com ênfase no 6º ano. A terceira seção trata da importância da leitura literária através da prática intencional e planejada pelo professor. A quarta seção apresenta as considerações finais desta pesquisa, seguida das referências. Boa leitura.

## **2 A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA**

A realização da leitura de obras literárias infantojuvenis no Ensino Fundamental II é uma prática que contribui para a formação integral do aluno. É uma ação que promove o desenvolvimento de habilidades linguísticas, incluindo a sensibilidade estética e pensamento crítico. Todavia, a efetivação prática desse trabalho em sala de aula, principalmente no 6º ano, encontra entraves que se estendem desde a escassez de políticas pedagógicas estruturadas por parte das escolas até a formação insuficiente dos docentes quanto ao trabalho com literatura. Nesse contexto, esta seção abre uma discussão sobre a temática.

Segundo Cosson (2006), a leitura literária em sala de aula deve ser planejada de forma sistemática e significativa, buscando realizar uma formação do que o autor denomina letramento literário e compreendido como uma ação de apropriação do texto literário a partir da experiência estética e da reflexão crítica. Para essa finalidade, o autor propõe que a sequência didática seja uma estratégia metodológica capaz de desenvolver a habilidade da competência leitora de maneira progressiva e crescente. Assim sendo, o autor reforça que toda a ação de leitura deve ter uma intencionalidade pedagógica, a fim de que a leitura na escola corra o risco de se tornar uma leitura mecânica e desmotivadora. Nessa mesma linha de pensamento, Oliveira (1996, p. 52) alega que:

Ao promover o diálogo dos alunos com a obra, o professor cria condições que ampliam as possibilidades de comunicação do leitor com a obra, numa prática pedagógica que não se detém no ensino informativo do saber já produzido, mas avança, a partir desse saber, rumo à construção de um saber novo, que considera o saber da criança e propicia a sua reelaboração. Esse avanço ocorre através de um exercício de problematização da obra que na verdade caracteriza a prática pedagógica renovada.

É importante formar leitores dentro e fora da escola, pois, de acordo com Colomer (2007), a escola é o lugar que deve proporcionar experiências de leitura de forma que dialoguem com o universo sociocultural dos estudantes, levando em conta o respeito a sua bagagem leitora e com isso incentivando a interpretação pessoal. A autora aponta que os alunos devem ter contato com obras literárias e infantojuvenis de qualidade, porque garantem que os alunos desenvolvam habilidades como empatia, imaginação e senso crítico. Por isso, é fundamental que a literatura seja vivenciada como uma prática cultural e como um instrumento de ensino de normas gramaticais ou análise técnica de textos.

A compreensão da prática formativa por meio da literatura se apoia na perspectiva de que o livro, como objeto pedagógico, contribui para a constituição de alunos, tornando-se sujeitos críticos e conscientes. Essa visão reafirma a importância da realização da leitura como ponte entre o texto e a realidade vivida pelo estudante, o que convida o professor a uma mediação sensível e contextualizada. Nessa direção, Zilberman (1985, p. 26) afirma:

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta.

A partir dessa concepção de Zilberman (1985), é possível compreender que a literatura não se limita à função ornamental ou moralizante, ou seja, ela deve ser tratada como conteúdo que dialoga com a experiência concreta dos alunos, servindo como um convite e como instrumento potente para reflexão sobre a realidade social, cultural e subjetiva dos estudantes. Assim, o ensino da literatura infantojuvenis torna-se, de fato, uma prática humanizadora e emancipatória.

Mas, segundo Dalla-Bona e Fonseca (2018), há a necessidade de formação estética para o professor de Língua Portuguesa. Em sua pesquisa realizada com os alunos de Pedagogia, as autoras identificaram que muitos docentes ainda utilizam a literatura de forma instrumentalizada, ou seja, visando apenas objetivos escolares formais. Para Galvão (2017, p. 17):

É comum observar como a literatura infantojuvenil não tem espaço privilegiado nas salas de aula da segunda etapa do ensino fundamental, essa defasagem está presente na maioria das escolas públicas do país. Os sistemas de ensino não atendem às grades curriculares com um amplo trabalho de literatura infantojuvenil, conseqüentemente os adolescentes não são contemplados com a aproximação ao mundo fantástico, lúdico e fictício das histórias.

É possível perceber que essa ausência revela uma contradição nas propostas pedagógicas de ensino que, na teoria, defendem a formação integral do estudante, mas, na prática, negligenciam justamente a dimensão estética e imaginativa, que são importantes para o desenvolvimento crítico e sensível dos adolescentes. A literatura infantojuvenil, quando bem explorada, pode ser um convite poderoso para estimular a criatividade, favorecendo nos estudantes a empatia e com isso ampliando o repertório cultural. Esse cenário aponta para a urgência e necessidade de investir na formação docente, com foco na vivência estética e no domínio das múltiplas possibilidades de mediação leitora no ambiente escolar.

De acordo com Viegas (2014), o ensino de literatura no Ensino Fundamental infelizmente ainda está atrelado a abordagens tradicionalistas, centradas apenas na historiografia literária e na memorização de autores e datas. A autora defende que haja a superação desse modelo ultrapassado e sugere práticas leitoras que considerem o aluno como sujeito leitor, destacando a importância do professor como mediador do texto literário, que tem um papel fundamental para o desenvolvimento de leitores autônomos e críticos.

A BNCC (Brasil, 2018) reforça, entre suas competências, que haja a valorização da leitura literária como forma de ampliar repertórios, promovendo o

diálogo entre culturas e desenvolvendo habilidades argumentativas e interpretativas. Esse documento normativo orienta que o ensino da literatura no Ensino Fundamental II seja vinculado ao desenvolvimento da sensibilidade estética, da criticidade e da capacidade de leitura do mundo, indicando as seguintes propostas:

Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de audiobooks de textos literários diversos ou de podcasts de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (Brasil, 2018, p. 161).

Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) aponta e evidencia que o contato contínuo com diferentes gêneros literários favorece a ampliação do repertório cultural, incluindo o desenvolvimento do aluno quanto à sensibilidade estética e ao fortalecimento da competência leitora. A leitura de obras como infantojuvenis dialoga com o universo simbólico e emocional dos estudantes, possibilitando experiências de aprendizagens significativas, nas quais por meio da ação da leitura, virá o prazer de ler que se alia à reflexão crítica e à construção de novos sentidos.

Essa perspectiva, junto ao leitor de obras infantojuvenis, está em concordância também com as orientações da BNCC (Brasil, 2018, p. 159) que, em sua proposta, propõe o envolvimento ativo e afetivo do aluno diante do texto literário, a saber:

Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

Percebe-se, assim, que o ensino da literatura infantojuvenil deve priorizar práticas que proporcionem, por meio da leitura, o encantamento e a curiosidade, ao mesmo tempo em que possibilitem e desafiem o aluno a ampliar suas percepções

sobre o mundo e sobre si mesmo. Nesse momento, o professor, atuando como mediador, e se permitindo, pode assumir um papel essencial ao criar situações que estimulem o envolvimento emocional e intelectual dos estudantes, de maneira que a leitura literária ultrapasse o campo da obrigação escolar e se torne uma experiência que transforma. Por isso, a leitura não deve ser reduzida a uma tarefa técnica ou escolarizada, corroborando com a tese de Silva (1998), o qual aponta que ler é um processo de construção de sentidos. O desenvolvimento da competência leitora exige além do que decodificação. Requer do indivíduo o envolvimento, a mediação e a motivação e é o momento em que entra o papel importante do professor que precisa assumir o papel de facilitador, proporcionando situações de leitura em que os estudantes possam se expressar, interpretar e se emocionar.

Nesse mesmo sentido, Soares (2011) observa que o contato com textos literários é um convite e favorece a realização do letramento em múltiplas dimensões, elencando que a leitura seja tratada como prática cultural e social. Ainda enfatiza que a escola deve garantir o acesso à leitura de modo inclusivo e democrático, valorizando gêneros textuais como os contos infantojuvenis, a diversidade de vozes e as temáticas presentes na literatura contemporânea, incluindo a literatura infantojuvenil.

Para o professor, o desafio de engajar os alunos, principalmente no 6º ano, pode estar relacionado à transição entre o Ensino Fundamental I e II, uma etapa em que as práticas de leitura deixam de ser lúdicas e passam a ser excessivamente avaliativas. Como apontam Duarte da Silva (2019) e Souza (2025), infelizmente, muitos alunos demonstram uma resistência à leitura por associarem-na a atividades obrigatórias e desprovidas de sentido, o que faz total sentido. E, por isso, sugerem metodologias ativas, como a rotação por estações ou o uso de projetos interdisciplinares, para resgatar o prazer e a função social da leitura.

Candido (2004) reitera, por sua vez, que a literatura deve estar presente na escola por seu valor pedagógico e por sua função humanizadora, sendo capaz de despertar a ética, a sensibilidade e o pensamento crítico, garantindo o direito à literatura e promovendo a igualdade cultural, que é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade democrática.

É possível observar que a realização da defesa de que haja a presença da literatura na escola é um campo que ultrapassa o ato instrumental ou a ação pedagógica e adentra a esfera da formação humana em sua totalidade. Ler obras literárias nas escolas é, antes de tudo, proporcionar o vivenciar experiências

simbólicas aos estudantes, fazendo com que espelham a própria condição humana, possibilitando ao leitor do 6º ano compreender o mundo, os outros e a si mesmo por meio da linguagem e da imaginação, o que é importantíssimo em sua formação.

A literatura, nesse sentido, opera como um espaço de mediação e construção entre realidade e ficção, entre o diferenciado o vivido e o pensado, buscando favorecer a construção de sentidos e a reflexão crítica sobre a sua própria existência. E essa dimensão estética e filosófica da leitura literária é reforçada por Coutinho (1978, p. 9-10), ao considerar a arte como uma recriação da vida:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. A Literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

A reflexão desse autor reforça o valor da literatura como expressão simbólica e universal da experiência humana, o que é muito importante na formação de crianças do 6º ano. Ao compreender a arte literária como uma recriação da realidade, o autor evidencia seu potencial formativo e transformador dentro da escola e até fora dela. Por isso, quando trabalhada na escola, a literatura tem o papel de despertar a imaginação e a sensibilidade estética dos alunos, com isso, ampliando sua visão de mundo, de maneira que contribui para o desenvolvimento da empatia, da consciência crítica e do reconhecimento da diversidade humana. Essa perspectiva dialoga com a proposta de uma educação humanizadora e rica, que concebe a leitura literária como uma boa prática junto à formação integral do sujeito e à construção de uma sociedade mais reflexiva, sensível e democrática.

A literatura acadêmica existente converge na defesa da leitura literária como elemento estruturante do processo educacional. A formação do professor, a escolha dos textos, a metodologia adotada e a escuta sensível ao aluno são fatores determinantes para que essa prática se torne efetiva e significativa. Observa-se,

assim, que a leitura de obras literárias infantojuvenis no 6º ano do Ensino Fundamental deve ser vista como uma atividade complementar ou recreativa, com uma prática pedagógica estratégica que esteja voltada à formação de leitores críticos, criativos e sensíveis.

### **3 A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA INTENCIONAL E PLANEJADA**

Com base nas contribuições dos autores apresentados no presente estudo, é possível afirmar que a leitura, quando mediada com intencionalidade pedagógica, em que haja a formação do professor mediador, torna-se potente para o desenvolvimento integral dos alunos e consolidação de uma escola plural, democrática e sensível às realidades infantojuvenis. No caso da leitura literária no Ensino Fundamental II, especificamente junto ao 6º ano, constitui um eixo essencial para a) o desenvolvimento integral dos estudantes, ao englobar aspectos cognitivos, sociais, emocionais e éticos; b) a formação crítica, ao capacitar os estudantes a questionar, refletir e interagir com o mundo ao seu redor; e c) a consolidação democrática, ao promover a pluralidade de ideias, o respeito à diversidade e a sensibilidade às diferentes realidades e contextos sociais dos alunos (Zilberman, 1985; Candido, 2004). Por isso, é possível compreender que a literatura infantojuvenil é capaz de ampliar o repertório cultural, estimular a imaginação e promover a formação de leitores críticos junto aos estudantes.

Zilberman (1985) complementa essa discussão ao elencar que o livro literário, quando inserido pelo professor no contexto escolar de forma consciente, contribui positivamente para a formação de leitores críticos. A literatura deixa de ter um caráter meramente instrumental e passa para um caráter de reflexão, proporcionando um questionamento e uma transformação social. A obra literária deve ser tratada como instrumento cultural que seja capaz de permitir ao aluno analisar a si mesmo e ao mundo que o cerca.

O papel da literatura ultrapassa o desenvolvimento linguístico e técnico, atuando diretamente na formação ética e emocional do estudante. A leitura literária, quando bem explorada, é capaz de despertar junto aos alunos o sentimento de empatia, assim como reflexão e consciência social, de modo que contribui para o fortalecimento dos vínculos humanos e para o respeito à diversidade. Essa dimensão humanizadora é destacada por Cosson (2020, p. 105), ao afirmar que:

Nesse caso, a exploração dos textos literários em sala de aula teria como fundamento gerar dentro e fora da escola a empatia, quer como modo de reforçar os laços de solidariedade social pela tolerância e pelo respeito às diferenças, quer como maneira de humanizar os alunos ao permitir que se identifiquem com o outro.

Quando os estudantes são convidados a entrarem em contato com narrativas que tratam de diferentes culturas, emoções e conflitos humanos, ele se torna capaz de reconhecer o outro e a refletir sobre si mesmo. Assim, a literatura passa a ser um espaço de encontro, no qual o leitor é conduzido a compreender o mundo e a compreender e a construir valores que ultrapassam o contexto escolar. Além disso, o estudante estabelece conexões entre sua experiência de vida e o texto literário.

A leitura ocorre dentro de um processo contínuo, com significação que envolve nos alunos as suas vivências, emoções e repertórios culturais. Nesse sentido, Costa (2013, p. 63) explica:

O percurso da realidade → literatura → realidade tem a ver com o desempenho do leitor e o modo como ele utiliza seu repertório de experiências vividas, ouvidas, lidas e imaginadas para converter a linguagem escrita em significação e sentido. Para tanto, o leitor irá buscar, no âmbito das convenções sociais, nas relações de poder, na cultura e em todas as suas linguagens (música, cinema, teatro, artes plásticas e outros), além de sua experiência de vida, a compreensão das ideias expressas pelos textos literários.

Essa observação reforça a importância de o professor proporcionar oportunidades para que os alunos relacionem o conteúdo das obras com seu cotidiano e com as linguagens culturais que os cercam. Desse modo, a literatura passa a se transformar em um instrumento interdisciplinar e vivo, que dialoga com outros instrumentos como a música, o cinema, o teatro e outras manifestações artísticas. Quando a leitura se conecta à realidade do aluno, o aprendizado torna-se mais dinâmico, significativo e conseqüentemente participativo e prazeroso, possibilitando que o estudante atribua sentido pessoal às narrativas lidas e reconheça o valor da literatura em sua própria formação. No campo da leitura literária, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018), esta deve proporcionar práticas de fruição e partilha da leitura. O documento normativo propõe que a literatura na escola deva ser trabalhada como experiência estética e social, estimulando à oralidade, à crítica e à recriação:

Compete ainda a este campo o desenvolvimento das práticas orais, tanto aquelas relacionadas à produção de textos em gêneros literários e artísticos diversos quanto as que se prestam à apreciação e ao compartilhamento e envolvam a seleção do que ler/ouvir/assistir e o exercício da indicação, da crítica, da recriação e do diálogo, por meio de diferentes práticas e gêneros, que devem ser explorados ao longo dos anos (Brasil, 2018, p. 157).

Essa diretriz traz um reforço de que o trabalho com a literatura deve ir além da leitura silenciosa ou da análise textual tradicional. É importante que a escola promova situações em que o estudante possa vivenciar a literatura por meio da oralidade, do uso da dramatização, incluindo a produção de resenhas, a indicação de obras e a realização do debate crítico. Tais práticas proporcionam o favorecimento junto ao desenvolvimento da expressão oral, eficácia na argumentação e estímulo à criatividade, aproximando os alunos da leitura de forma colaborativa e prazerosa.

Portanto, o engajamento dos alunos junto à leitura infantojuvenil está diretamente ligado à maneira como o professor planeja, conduz e executa o processo de mediação, possibilitando a criação de experiências significativas de leitura. Ou seja, quando há ações com intencionalidade pedagógica, que possibilitem diversidade de gêneros literários em que haja espaço para o diálogo, a leitura passa a ser de uma atividade obrigatória a uma atividade que se constitui como uma vivência estética e humanizadora. Assim, a literatura no 6º ano do Ensino Fundamental deve ser analisada e compreendida como um meio de desenvolver junto aos estudantes, competências linguísticas, empatia e consciência crítica, colaborando para a formação integral do sujeito e para a construção de uma escola mais inclusiva e sensível às diferentes realidades culturais.

Há ainda desafios nas ações pedagógicas com a leitura literária. Dentre eles, estão a) a falta de boas formações estéticas dos professores de português e respectivas literaturas, que pode gerar o uso de metodologias de ensino pouco atrativas; b) a distância entre o universo simbólico dos alunos e as obras trabalhadas em sala de aula. Esses fatores acabam contribuindo de maneira limitada para que o potencial da literatura atue como instrumento de sensibilização, imaginação e formação humana, restringindo-a, diversas vezes, ao cumprimento de conteúdos curriculares.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo investigou as estratégias pedagógicas e os desafios voltados ao engajamento dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental na leitura de obras infantojuvenis, analisando o papel da mediação docente nesse processo. A análise realizada possibilitou responder ao problema central da pesquisa, demonstrando que os desafios e dificuldades mais recorrentes estão relacionadas à falta de formação

continuada dos professores, assim como à escassez de acervos literários diversificados e à continuação de práticas de leitura tradicionais e pouco atrativas, que afastam os alunos do hábito e prazer de ler.

Em relação aos objetivos propostos neste estudo, verifica-se que todos foram alcançados, pois foi possível identificar os principais desafios e dificuldades encontrados e enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa e também analisar estratégias e ações didáticas que facilitam e favorecem o interesse dos alunos, reconhecendo a importância da leitura literária para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos estudantes. Com isso, constata-se o papel importante do professor como mediador e a correlação das práticas pedagógicas com as diretrizes do documento normativo, a BNCC (Brasil, 2018), que defende a leitura literária como prática cultural, estética e social.

Os resultados obtidos apontam que a literatura infantojuvenil, quando trabalhada pelos professores com planejamento e intencionalidade pedagógica, incluindo metodologias ativas, possibilita um potencial em formar alunos críticos e autônomos. Além disso, é importante reafirmar que o professor é o principal agente de transformação desse processo, pois todas as suas ações voltadas à prática da leitura, incluindo a qualidade da mediação docente, influencia diretamente o engajamento dos alunos e a construção de sentido durante a leitura.

Do ponto de vista do referencial teórico, este estudo contribuiu ao oferecer subsídios para os professores e à reflexão sobre suas práticas docentes, endossando e reforçando a necessidade de planejamento pedagógico bem estruturado, incluindo a formação estética do professor com a ampliação de políticas escolares voltadas à valorização da leitura literária infantojuvenil. A relevância deste estudo está em reafirmar que a leitura de obras infantojuvenis é um objeto de conhecimento que compõe o componente curricular de Língua Portuguesa, mas principalmente uma ferramenta de transformação e emancipação humana e social. Entre as limitações da pesquisa, é possível apontar a ausência de uma investigação direta com professores e alunos, o que poderia aprofundar a análise sobre as percepções práticas da mediação literária.

Como sugestão para possíveis pesquisas futuras, aconselha-se a realização de propostas de estudos de campo que investiguem o impacto de metodologias ativas e sequências didáticas, tomando como base obras infantojuvenis no engajamento dos estudantes. Seria igualmente relevante e contribuidor explorar a formação continuada

de professores de Língua Portuguesa sob a ótica da literatura como prática formativa e humanizadora.

Como sugestão e indicação de obras literárias voltadas aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, justamente porque são leituras que buscam valorizar o despertar do prazer e da curiosidade, de maneira que ampliem o repertório cultural promovendo nos alunos reflexões sobre questões humanas, sociais e éticas. Entre as obras recomendadas é possível destacar: *A Bolsa Amarela* (1976), de Lygia Bojunga, que aborda a construção da identidade e o direito aos sonhos; *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976), de Ruth Rocha, que estimula a criatividade e a valorização da linguagem; *O Fantástico Mistério de Feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira, que trata de uma releitura crítica dos contos de fadas; e *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), de Ana Maria Machado, que aponta a diversidade racial e da valorização da autoestima. Essas obras, amplamente reconhecidas na literatura infantojuvenil brasileira, podem possibilitar ao professor mediador o desenvolver de práticas significativas e criativas, contribuindo para a formação de leitores autônomos e críticos, conforme orienta a BNCC (Brasil, 2018).

Em síntese, este artigo reafirma a pesquisa que a leitura de obras infantojuvenis é uma ação prática emancipadora e humanizadora, que contribui para o desenvolvimento linguístico, ético e estético dos estudantes. A literatura, sendo compreendida como arte que expressa a simbologia da vida, irá possibilitar que o leitor do 6º ano desenvolva em si, empatia, sensibilidade e pensamento crítico, valores que são essenciais para a formação de cidadãos participativos e conscientes. Ao promover a leitura como experiência de aprendizagem e descoberta, torna-se possível ao professor transformar a sala de aula em um espaço de aprendizagem com diálogo, desenvolvimento da imaginação e estudo significativo, consolidando a literatura infantojuvenil como caminho de transformação individual e coletiva.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feiurinha**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília - DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/bncc>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 32. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 1976.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino de literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

DALLA-BONA, Ana Maria; FONSECA, Jair Tadeu. Análise de obras da literatura infantil como estratégia de formação do pedagogo/professor: saber ler, saber escolher. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 39–56. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/62754>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GALVÃO, Ediane da Silva. **A leitura literária no ensino fundamental II: a formação do leitor literário e o papel do professor de Língua Portuguesa**. 2017. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Itapecuru-Mirim, 2017.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: interação participativa com a literatura infantil na escola**. São Paulo: Paulinas, 1996 – (Coleção comunicar)

ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo**. 21. ed. São Paulo: Salamandra, 1976.

SILVA, Edineia Duarte. Os desafios do ensino da leitura literária em contexto de sala de aula. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 548–559, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10146>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: o que é, como se faz**. Campinas: Papyrus, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 14. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SOUZA, Renata Santos de. **Rotação por estações: uma proposta didática na Língua Portuguesa para interpretação textual e compreensão leitora no Ensino Fundamental II**. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2025.

VIEGAS, Ana Cristina. Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica. **Gragoatá**, Niterói, n. 37, p. 151-172, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32996>. Acesso em: 14 dez. 2025.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4. ed. São Paulo: Global, 1985.